

D. JOSÉ DE LANZAROTE

José Saramago entrou para a reduzida galeria dos heróis nacionais – ao lado de Amália, Eusébio e Mega Ferreira.

Ele ganhou finalmente o Nobel que esperava vai para 900 anos. Portugal está desde já vingado de um possível

não apuramento para o Europeu de Futebol.

Mas quem é José Saramago? Um escritor de grande qualidade? Um escritor promovido por razões extra-literárias,

como as polémicas em torno da sua condição de comunista e ateu?

Sem o ex-secretário de Estado Sousa Lara, a Câmara de Mafra e a Santa Sé, teria Saramago a projecção que tem

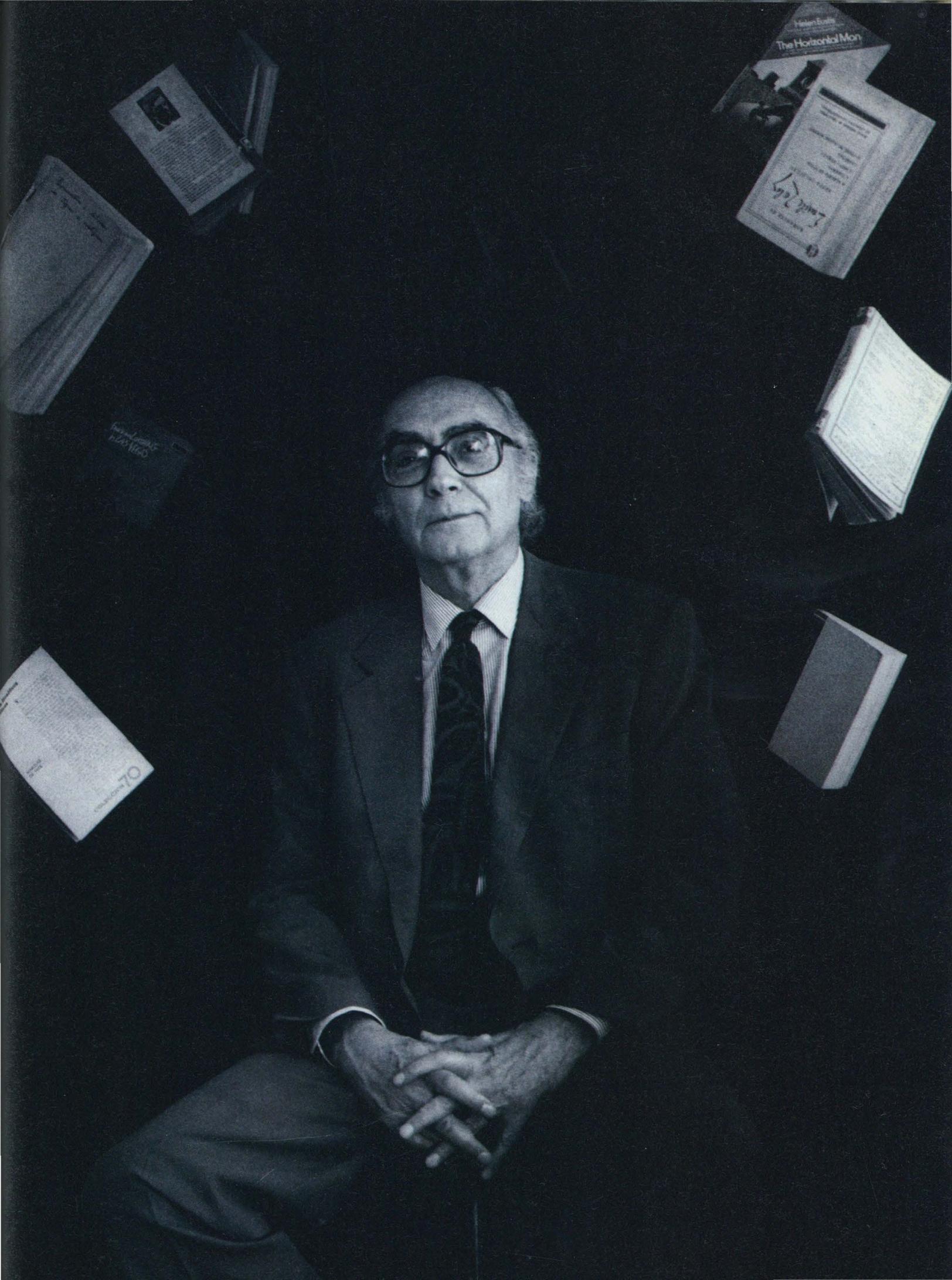
hoje? E que peso teve o marketing das editoras, dele próprio e da mulher, Pilar del Rio, na ascensão do ex-torneiro

mecânico de Azinhaga do Ribatejo?

O melhor é ler as palavras do escritor, a partir de seu exílio espanhol, em Lanzarote. Uma espécie de auto-retrato,

nos quatro diários até agora publicados dos *Cadernos de Lanzarote*, da Editorial Caminho. Como segue.

TEXTO DE JÚLIO PINTO, FOTOGRAFIAS DE CÉU GUARDA (ARQUIVO)



Helen Evans
The Horizontal Man

Personal Journals
1920-1960

70



900 ANOS DE ESPERA

“(…) António Houaiss, aqui há tempos, teria apostado em dois nomes para o Prémio Nobel deste ano (1993). João Cabral de Melo Neto e este servidor. (...) Parecer-me-ia justo que o primeiro Nobel de Literatura para a Língua Portuguesa fosse dado a um português, porque, na verdade, vai para novecentos anos que estamos à espera dele, enquanto vocês (os brasileiros) nem sequer dois séculos de esperanças frustadas levam.”

A INVEJA DOS PORTUGUESES

“António Tabucchi não me perdoará nunca ter escrito *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. (...) Como se já não fosse suficiente carrego ter de levar às costas a inveja dos portugueses, sai-me agora ao caminho este italiano que eu tinha por amigo, com um arzinho falsamente ausente, desviando os olhos, a fingir que não me vê.”

JOSÉ CRALHANA?

“Contei já como e porquê me chamo Saramago: que Saramago não era apelido de família, mas sim uma alcunha; que indo o meu pai a declarar no registo civil o nascimento do filho, aconteceu que o empregado (chamava-se ele Silvino) estava bêbado; que, por sua própria iniciativa e sem que meu pai se apercebesse da fraude, acrescentou Saramago ao simples nome que eu devia levar, que era José de Sousa; que, por esta maneira, graças a um desígnio dos fados, se preparou o nome com que assino os meus livros. Sorte a minha, e grande sorte, foi não ter nascido em qualquer das famílias de Azinhaga que, naquele tempo e por muitos anos mais, ostentavam as arrasadoras e obscenas alcunhas de Pichatada, Curroto e Caralhana...”

EX-CAMARADAS

“Interessante (...) é o modo como Judas se refere à inefável Zita Seabra: ‘Como já deves saber, a nossa ex-camarada Zita Seabra é a nova comissária para o audiovisual’. Diz ‘ex-camarada’ e esquece-se de que ele também o é. Lembra-me da minha mãe, que chamava velhotas às amigas e conhecidas da idade dela.”

VARIAÇÃO E INTUIÇÃO

“Em certa altura, já encerrado o capítulo, falou-se em Manuel de Oliveira, de Agustina e do *Vale Abraão*, essa variação nortenha sobre o tema Bovary, e foi então que arranquei com uma intuição de génio, a que só faltam agora demonstração e provas: que a Gouvarinho teria sido, para o Eça, a caricatura burlesca e lisboeta de Emma Bovary. A mim, parece-me o caso claro como água: Bovary, Gouvarinho – não vos soa ao mesmo?”

EM CHEIO

“Uma leitora na Feira: ‘Quando li o *Levantado do Chão* disse comigo: este escritor é diferente dos outros’. Acertou em cheio.”

PELOS VISTOS

“Canso-me a insistir que não passo de um prático da escrita, mas as universidades acham-me graça quando vou e lhes levo umas quantas ideias simples, bastante pedestres, que pelos vistos soam a coisa nova (...).”

ALGUMA RAZÃO

“Zeferino (...) traz-me o *Público* de hoje, onde vem a notícia da minha ‘candidatura’ ao prémio do *The Independent*, e a informação de que sou um dos favoritos (...). A estas horas, na pátria, não faltará quem ande a repetir, noutros tons, aquela pergunta que imaginei para Eugénio Lisboa: ‘Como é que o gajo conseguiu?’. Dou-lhes alguma razão.”

POR POUCO

“Agora vem a Maria Alzira e diz-me, palavra por palavra, sobre o Prémio Juan Rulfo, aquele que foi atribuído a Eliseo Diego: ‘que eras o grande favorito, que não ganhaste por pouco’ (...).”

ATÉ TALVEZ

“Ao fim do dia, telefona-me José Manuel Mendes para me dizer que o Prémio Vida Literária, praticamente, já é meu, e até talvez por unanimidade de votos dos directores da APE, que são nove.”

OBRIGADA, OBRIGADA!

“Leitura do *Evangelho*, com Ray-Güde, numa livraria perto do hotel. Casa cheia, pessoas sentadas no chão, outras que não conseguiram entrar (...). Uma portuguesa idosa, com um gorro na cabeça, beijou-me as mãos a chorar. Só dizia: ‘Obrigada, obrigada’.”

CULTURA DE NARCISOS

“De uma carta de Zeferino Coelho, hoje recebida: ‘Quero testemunhar-lhe a minha alegria pela maneira como tudo se passou: a inesperada afluência de público, enchendo a sala, as esplêndidas intervenções de Saramago – a segurança delas, a inteligência que nelas revelou (...)’. As palavras (...) são do Alexandre Pinheiro Torres. Para que não se diga que eu ando a escrever mentiras e a cultivar narcisos neste caderno.”

HUMANITARISMO

“Ao fim do dia telefonaram-me de Cuba: a UNEAC convida-me a participar na Feira do Livro de La Habana, já em Fevereiro (...). A minha vontade é dizer-lhes que não, que não posso, mas aquela gente precisa tanto de ajuda que me interrogo se não será meu dever ir até lá.”

FESTA DE VIVER

“Sumiu-se a cadelinha a que chamei impertinente e irresponsável, deixando-nos com esta pergunta: que impulso subido de dentro ou que tentação do mundo a levaram a abandonar o bom trato e o carinho que lhe dávamos, >>



>> a renunciar à festa de viver que foram para ela as semanas que esteve connosco?”

SEM SOMBRA DE CULPA

“Não tenho culpa que o *Evangelho* volte tantas vezes a estas páginas (...). Esta carta veio de Israel e assinam-na Martha e Yakov Amir (...). Agradecem-me a ‘grande experiência espiritual que representou, para eles, a leitura do romance, louvam-me pelo conhecimento que demonstro ter das ‘condições’ do país (...).”

FICÇÃO INCIPIENTE

“Por muito que se diga, um diário não é um confessional, um diário não passa de um modo incipiente de fazer ficção.”

UM LUGAR NA ESTANTE

“Chegaram exemplares duma nova edição da *Viagem a Portugal*, brochada e sem ilustrações.(...) Até agora, a *Viagem* precisava de um lugar diferente na estante (...).”

QUE BONITO!

“O mais puro de todos os odores, o da terra molhada, embriagou-nos durante um instante. ‘Que bonito é o mundo’, disse eu. Pilar, em silêncio, apoiou a cabeça no meu ombro.”

TRÊS EM UM

“O rapazito que andou descalço pelos campos da Azinhaga, o adolescente de fato-macaco que desmontou e tornou a montar motores de automóveis, o homem que durante anos calculou pensões de reforma e subsídios de doença, e que mais adiante ajudou a fazer livros, e depois se pôs a escrever alguns – esse homem, esse adolescente e esse rapazito acabam de ser nomeados *honoris causa* pela Universidade de Manchester. Lá irão os três em Maio, a receber o grau, juntos e inseparáveis, porque só assim é que querem viver.”

GEMIDOS

“Diz Vergílio (Ferreira): ‘Os autores mais traduzidos são normalmente os autores menores, ou sejam os que falam à mediocridade da generalidade humana’(...). Se Vergílio Ferreira tivesse traduções como Dostoiewski, escreveria o que escreveu? Ou aquilo foi mais um dos costumados e confrangedores gemidos vergilianos?”

REPETIÇÕES

“Só escrevo sobre aquilo que não sabia antes de o ter escrito. Deve ser por isso que os meus livros não se repetem. Vou-me repetindo eu neles (...).”

TEÓLOGOS DA IMPRENSA

“Informa-me Luís de Sousa Rebelo de que foi este o primeiro grau *honoris causa* conferido em Inglaterra a um escritor português. Mesmo sendo a vaidade o pecado que me há-de levar ao inferno, como não se cansam de mo dizer alguns teólogos da imprensa, fiquei satisfeito.”

CONTRAFEITO

“Uma leitora na Feira: ‘Para o ano que vem (1996) teremos mais *Cadernos*?’. Respondo medievalmente como de costume: ‘Vida havendo e saúde não faltando...’. E ela: ‘É que quero ler neles a notícia do Prémio Nobel...’. Ponho a cara de sempre, sorriso contrafeito (...).”

HUMANO, DEMASIADO HUMANO

“Mone Hvass, a tradutora dinamarquesa, dá-me a notícia de umas quantas palavras (arrasadoras...) de Soren Vinterberg, crítico de *Politiken*, sobre o *Evangelho*: ‘Se José Saramago não fosse tão humano, sem dúvida lhe teriam chamado um contador divino’. E esta, hem?”

SARAGAGO?

“Porque é preciso tê-las [as costas largas], e fortes, para sobreviver no mesmo tempo e nos mesmos sítios com pessoas que, por exemplo, não tiveram vergonha de transformar Saramago em Saragago (...).”

O ERRO DOS ESCRITORES

“O erro dos escritores (...), nos últimos trinta anos, foi terem renegado um empenhamento simplesmente social com medo de serem acusados de andarem a vender a literatura à política.”

À BEIRA DAS LÁGRIMAS

“‘Desculpe-me. Deixe-me abraçá-lo, e agradecer-lhe, por existir e ver’. Merecerei eu tanto? Como sucedeu com outras cartas que tenho tido a felicidade de receber, esta (...) deixou-me à beira das lágrimas.”

BONITO PAR

“No final, confesso a franqueza, gostei de ver-nos, a Pilar e a mim, reflectidos no espelho. Apesar das diferenças de idade e beleza, ambas irremediavelmente em meu desfavor, fazíamos um bonito par.”

SATISFAÇÃO

“Saíram algumas das entrevistas que dei ontem: acho que a Einaudi, a editora de *Cicitá* [título da edição italiana de *Ensaio Sobre a Cegueira*], tem motivos para estar satisfeita.”

ANÁLISE SÉRIA

“‘Contador dos Dias’ é o título de um artigo que Carlos Reis publicou hoje, no *JL*, sobre estes *Cadernos*. Trata-se de uma análise séria, a primeira leitura objectiva que até hoje foi feita de uns pobres livrinhos que a jesuítica literatagem nacional recebeu à pedrada.”

NEM UMA SÓ PALAVRA

“No meu ofício de escritor, penso não me ter afastado nunca da minha consciência de cidadão. Defendo que aonde vai um, deve ir o outro. Não recorro ter escrito uma só palavra que estivesse em contradição com as minhas convicções políticas (...).” ■

AQUI RÁDIO LANZAROTE. BOM DIA.

O Nobel da Literatura é, simplesmente, universal. José Saramago é português e, por adopção, espanhol.

Portanto é assim: de Lanzarote para o mundo.

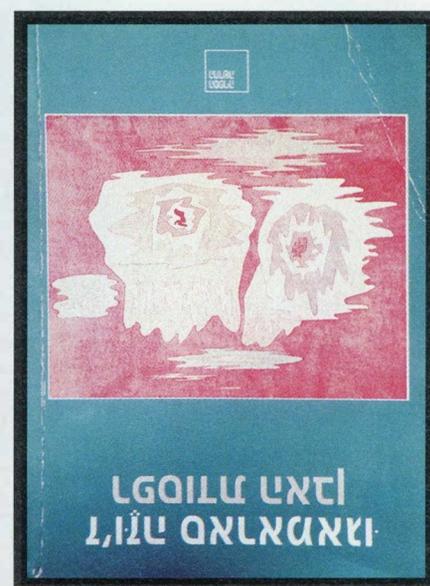
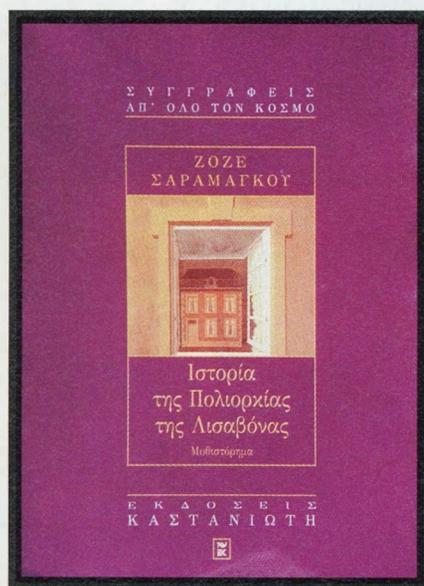
TEREZA COELHO

EM TUDO O QUE FOI DITO sobre o prémio Nobel da Literatura faltou explicar porque é que, sendo um escritor que é individualmente distinguido, isso é de grande auxílio para a literatura do seu país. Não parece evidente. Por exemplo: o que é que o Nobel de Dario Fo, o ano passado, terá feito – objectivamente – pela literatura italiana? E o de Szyborska, há dois anos, pela literatura polaca?

Claro que, sendo José Saramago português, escrevendo em português, e estando traduzido

em tantos países que a sua editora, a Caminho, na página “Traduções” das folhas informativas, esclarece que “Tendo a obra de Saramago sido objecto de numerosas edições no estrangeiro, torna-se virtualmente impossível apresentar uma lista completa”, se cada um dos leitores de cada uma dessas numerosas edições consultar a contracapa respectiva, repara que o autor do volume que ali tem nas mãos é de Portugal. Não estamos a falar só das traduções óbvias – francesa, inglesa, alemã, italia-

na, espanhola. Os leitores também podem reparar nisso na Finlândia, na Hungria, no Japão, na Polónia, na Turquia. Como um romeno que esteja a ler *Pluta de Piatra*, que é como se diz *Jangada de Pedra*, o segundo livro de Saramago que lê depois de *Memorialul de la Mafra*, o *Memorial do Convento*. Um grego verá logo que “Zozé” Saramago é José Saramago. Um chinês tem duas edições, uma em mandarim e outra em cantonês. A edição hebraica lê-se ao contrário, para resultado idên-



tico. Os dinamarqueses têm mais palavras do que os outros – o maior título para *Memorial do Convento: Historiem om Baltasar og Blimunda og den forunderlige Passarola*. É ótimo que José Saramago esteja traduzido em todo o mundo. Porque é que isso é ótimo para a literatura portuguesa? Saramago irrita o Vaticano. Dario Fo irrita o Vaticano. Provavelmente, a academia sueca agora irrita o Vaticano. Mas, que se saiba, nem a literatura portuguesa, nem a italiana, irritam o Vaticano.

Se leram os jornais, os leitores ficaram também a saber que, a seguir ao prémio, o Nobel português foi festejar para Madrid, depois para Lanzarote, depois para Lisboa (os mais susceptíveis terão concluído que em Portugal ficávamos com ar de terceira escolha); ficaram também a saber que é filho adoptivo das Canárias; que o director editorial da editora inglesa *Carcanet* o classificou como “maior escritor ibérico do século”, sublinhe-se, ibérico; que Saramago explica que “a minha família literária é uma família ocidental, e principalmente ibérica”. De Portugal, os leitores-lá-fora ficaram com outras informações: nomeadamente, a de que o escritor não vive no país há uns anos, e que o abandonou depois de, em 1992, Sousa Lara, na época subsecretário de Estado da Cultura, ter removido o *Evangelho segundo Jesus Cristo* da lista do Prémio Literário Europeu. (Este Nobel, aliás, tem feito bastante pela internacionalização, no plano cultural, de Sousa Lara – o que não é fácil, tratando-se de alguém que afirma não ter “preocupação nenhuma por alguma profundidade” na ciência, na literatura, no cinema e nas artes). Numa versão mais *hard*, a do *Financial Times*, a responsabilidade do feito de Sousa Lara recai em todos: o “exílio” de Saramago nas Canárias é visto “em parte como expressão de rancor em

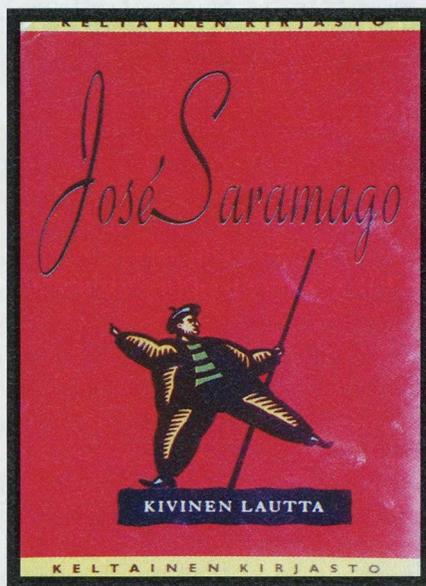
relação às atitudes oficiais que Portugal tomou para com ele no passado”.

No quinto volume dos *Cadernos de Lanzarote*, hoje à venda, o escritor já não fala, obviamente, nisto – é o diário de 1997. Fala, como de costume, em si próprio, o que de resto é típico dos diários (apesar de tudo, mais nos diários que não terão outros leitores além do seu leitor privilegiado que é o autor, ou seja, dos diários que não são para publicar). Também como de costume, inclui no diário um número assombroso de páginas que correspondem: i) à transcrição das contribuições que os mais diversos órgãos de comunicação lhe solicitaram ao longo do ano; ii) à transcrição de cartas de leitores (certamente pela vocação ibérica, quando são em castelhano não vêm traduzidas – o que pode durar várias páginas); iii) à transcrição das anotações para o romance que está escrever; iv) à transcrição dos discursos que proferiu nas diversas sessões para as quais é convidado.

Há várias entradas de diário sobre o Nobel. O ano passado foi o ano em que, usando a expressão nacional consagrada, Saramago perdeu para Dario Fo. Se o diário puder ser lido como uma novela em segundo grau, a progressão da história do Nobel revela um sentido de humor notável. A meio caminho entre David Lodge e alguns trabalhos dos *Monty Python*. Com alguns cortes, é assim:

“31 Agosto [1997]

Tenho a impressão que algumas pessoas propendem a crer que a grande notícia desses dias [da Feira de Frankfurt], o prémio Nobel, o tal, me puxará pelas orelhas para alcandorar-me aos focos esplendorosos da publicidade... O mais certo é estar redondamente enganado quem assim pense. Por mim, já estou mais que escarmentado. >>>



**Quanto
é que você
dava para
falar agora
com os seus
amigos?**



**Ligue
(0931) 12 75
e conheça
as novas
tarifas
Telecel.**



>> 10 de Setembro

Nem sequer pergunto o que estará por trás desta vinda a Estocolmo [o escritor foi a Estocolmo para “entrevistas, conferências, jantares”]: pensam, todos eles, embora não o confessem, que estando o prémio a ponto de soltar-se da árvore das patacas suecas para me cair nas mãos, trazer-me até aqui servirá para tornar mais visíveis na paisagem o meu nome e a minha cara, para florir o ambiente, enfim. Francamente, não dou nada pela estratégia, se de facto o é.

24 de Setembro

Pela mão do seu alcaide, Joaquín Fernández Romero, chegou-nos hoje a notícia de que o ayuntamiento de Castril de la Peña [decidui] apresentar, nas formas devidas, a minha candidatura ao Prémio Nobel da Literatura.

1 de Outubro

[O poeta canário Justo Jorge Padrón protestou contra esta decisão; outro escritor canário, Armas Marcelo, tomou posição].

Dispensar-me-ei portanto de passar a estes cadernos as palavras de estima com que Armas Marcelo me presenteia nos seus dois artigos, mas não deixarei fugir a ocasião de o ajudar a

SARAMAGO IRRITA O VATICANO. DARIO

FO IRRITA O VATICANO. PROVAVELMEN-

TE, A ACADEMIA SUECA AGORA IRRITA

O VATICANO. MAS, QUE SE SAIBA, NEM

A LITERATURA PORTUGUESA, NEM A

ITALIANA, IRRITAM O VATICANO

divulgar um episódio da história literária das Canárias. Diz Armas Marcelo: ‘Al hablar del Nobel para Saramago, no está demás hoy a citar a Galdós, que fue olvidado a principio de siglo por los suecos gracias a las presiones monarquicas que se recibían desde España. En su defecto, le dieron el Nobel a Echegaray, como si por ser suecos y académicos tuvieran la facultad divina de tapar el sol con un dedo.

9 de Outubro

Foi muito simples. Encontrávamo-nos na cozinha, Pilar e eu, sós, quando a rádio informou que o Prémio Nobel tinha sido atribuído a Dario Fo. Olhámo-nos tranquilamente (sim, tranquilamente, jurá-lo-ia se fosse necessário) e eu

disse: ‘Pronto. Podemos voltar ao nosso sossego’.

14 de Outubro

Uma chamada telefónica de Dario Fo a dizer: ‘Sou um ladrão, roubei-te o prémio. Um dia será a tua vez. Abraço-te’.

16 de Outubro

[Na Feira de Frankfurt, Dario Fo vai cumprir Saramago.]

Quando ele chegou daí a pouco, rodeado de uma nuvem de fotógrafos, fui ao seu encontro, abracei-o e felicitei-o. O mundo ia ficar a saber que o respeito e a estima ainda não se extinguíram de todo entre a gente das letras.”

(*Cadernos de Lanzarote, Diário* – V. Edição da Caminho, 228 págs.)

Mas lermos isto em segundo grau implica pensarmos que o escritor está a usar ironia e auto-distanciamento face à sua aflitiva condição de Grande Escritor – além da tão publicitada modéstia. É tomar liberdades com o texto. E não é o melhor momento para isso: não foi com certeza por causa dos *Diários* que Saramago foi Prémio Nobel.

E José Saramago é Nobel, e o Nobel fica-lhe mesmo bem. ■